

PRÉMIO ARQUITETURA DO DOURO 2024

IDENTIFICAÇÃO:

Designação:	Ata da reunião final do Júri do Prémio Arquitetura do Douro 2024
Localização:	Vila Real
Data:	25 de novembro de 2024

ATA:

Lançado em 2006, o Prémio de Arquitetura do Douro tem como objetivo, divulgar e promover a excelência da arquitetura no Alto Douro Vinhateiro Património Mundial; divulgar e promover as boas práticas no exercício da arquitetura e da construção, conservação e reabilitação de edifícios, em contexto patrimonial, bem como intervenções de redesenho urbano no espaço público.

Na edição do ano de 2024 o júri, conjuntamente analisou os documentos técnicos apresentados e visitou as obras, registando com muito agrado a numerosa participação de candidaturas nesta edição. No dia 25 de novembro de 2024, pelas 18 horas, reuniram em Vila Real os representantes designados pelas entidades que constituem o júri do Prémio Arquitetura do Douro 2024. A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN) /Missão Douro, na qualidade de presidente do júri, de acordo com o previsto no ponto 5 do regulamento do concurso, convocou todas as Entidades designadas, tendo-se registado as seguintes presenças:

Entidade	Representante
CCDRN/Missão Douro	Eng. Helena Teles
Ordem dos Arquitetos - Secção Regional do Norte (AO)	Arq.ª Nélia de Fátima Miranda
Em representação do autor do projeto vencedor da edição anterior, Arquiteta Paula Sousa Pinheiro	Arq.ª Paula Sousa Pinheiro
Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura	Arq.º Luís Berrance

Por razões imponderáveis o representante Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte, Dr. Marco Sousa, não pôde estar presente.

Outras presenças:

Estrutura Sub-Regional de Vila Real/GTMD	Arq.º Adriano Ferreira
Estrutura Sub-Regional de Vila Real/GTMD	Arq.º Joaquim Almeida
CCDR-N, I.P.	Dr.ª Catarina Meneses

Pelas 18:00 horas, a Sr.ª Eng.ª Helena Teles deu início à reunião saudando e agradecendo a presença dos membros do júri na reunião que encerra o processo de avaliação das obras candidatas ao Prémio Arquitetura do Douro 2024.

Procedeu-se à auscultação dos representantes de cada entidade visando conhecer a motivações subjacentes à decisão de voto para o prémio e menções honrosas, sublinhando-se a complexidade da mesma perante a excecional qualidade das obras candidatas.

O júri mencionou que esta edição regista a significativa qualidade e variedade de inúmeras obras arquitetónicas apresentadas, tendo sido apresentados dezasseis programas funcionais diversos. Porém, não foi apresentada nenhuma proposta a concurso de desenho urbano e intervenção em espaço público, tipologia de projeto e obra tão importante na qualificação do nosso habitat, quer do solo urbano ou do solo rústico.

O júri sublinha o que já é a característica deste concurso, a elevada qualidade das propostas, com posturas de intervenção distintas, mas todas revelando especiais cuidados de integração com o existente, criatividade e rigor de execução, só alcançáveis com grande profissionalismo de todos os concorrentes. Com efeito, por unanimidade decidiu pelas obras que identificam com excelência o Douro, pelo cuidado notável de integração na paisagem duriense ou de reabilitação no património edificado, em consequência dos objetivos que o prémio pretende promover.

Após análise dos documentos apresentados e deslocação às obras procedeu-se à avaliação conjunta. O júri por unanimidade entendeu pelas razões que se explanam seguidamente, distinguir três das dezasseis obras a concurso:

- Quinta de Adorigo – Adega e armazém de vinho da autoria do Atelier Sérgio Rebelo Carvalho.
- Quinta do Crasto - Adega Velha e Armazém da autoria do Arquiteto Francisco Vieira de Campos do Gabinete Menos é Mais
- Quinta da Faísca – Alojamento Turístico da autoria do Arquiteto Carlos Castanheira

A decisão concernente à obra vencedora do Prémio de Arquitetura do Douro 2024 adveio de uma votação por unanimidade sendo atribuída à Quinta de Adorigo, comumente designada Quinta de Santo António. Com efeito foram enunciados os atributos que conferem a esta arquitetura um carácter *sui generis* face às restantes candidaturas da edição de 2024.

A Adega e Armazém da Quinta de Adorigo é uma obra de arquitetura que honra de forma notável a excelência da paisagem do Douro Vinhateiro, indissociável do sítio e do lugar. A leitura sábia interpretativa, da geografia e da estrutura da paisagem, é homenageada nas formas curvilíneas horizontais da adega e na estrutura dos espaços interiores. A volumetria e implantação orgânica, assenta de forma serena, e revela a homenagem á paisagem, respondendo com excelência ao apelo do património vinhateiro milenar. A escolha cuidada na localização da Quinta, no ponto mais côncavo do terreno e dos socalcos, permitiu a notável integração na paisagem e a criação de belos espaços interiores e exteriores constituídos por diversos níveis, cumprindo o princípio gravítico de produção de vinho do Douro.

A configuração estrutural assume-se como um conjunto de naves entrelaçadas, que acompanha o declive topográfico existente, resultando num edifício parcialmente enterrado, que tira partido da estabilidade térmica do solo e a fachada principal está orientada a norte com reduzida exposição solar, orientação adequada ao estágio do vinho.

A interpretação feliz dos tradicionais telhados de duas águas em estrutura de madeira das adegas vernaculares da região do Alto Douro Vinhateiro, aqui exposta na geometria da cobertura da adega, moldada pelas linhas sinuosas, contínuas, orgânicas, dos patamares e socalcos da paisagem, resultou numa notável obra contemporânea.

Igualmente notável na escolha e utilização dos materiais, com a preferência dos materiais dos edifícios da cultura do vinho, como a pedra, madeira e cimento. O júri sublinha o sistema adotado para a sustentabilidade energética do edifício que recaiu na escolha da solução geotérmica de baixa temperatura. Uma solução de energia renovável limpa, de custos de implementação elevados, com retornos a médio prazo.

Sublinha-se a adoção de soluções sustentáveis como as soluções passivas, através da otimização e seleção específica das aberturas e dos envidraçados, de modo a promover a luz natural no interior dos espaços do edifício, promovendo no inverno uma maior penetração da luz solar, permitindo um aquecimento natural, o elevado nível de isolamento térmico e correção de pontes térmicas, para minimização do impacto negativo do clima, promoção de ventilação natural, através de aberturas permanentes nas fachadas garantindo ventilação transversal. Ainda a utilização dos recursos hídricos através do aproveitamento das águas pluviais, a utilização da água reciclada reduzindo o uso de água potável e ainda na reutilização de autoclismos e na irrigação e de combate a incêndios, são uma notável resposta á ausência de infraestrutura de abastecimento de água público.

Em consequência o júri unanimemente considerou tratar-se de uma obra de arquitetura contemporânea de excelência que muito honra o património vinhateiro milenar do Douro Vinhateiro.

Destaca-se assim a ideia de «obra completa» a nível do espaço, pormenores e qualidade de execução – na pureza dos desenhos e dos materiais – e, portanto, caracterizada pelo júri enquanto «obra indissociável do lugar», desde a integração na paisagem à própria criatividade, nascendo dos elementos de composição do lugar.

Da memória descritiva emerge o teor da sustentação referindo o Atelier Sérgio Rebelo que «o Douro apela a soluções particulares nele enraizadas», procurando uma linguagem do vocabulário arquitetónico que honra as tradições e o local, preceitos patentes na delicadeza do desenho deste edifício industrial e criatividade que nasce dos elementos de composição do lugar.

No que concerne à atribuição das menções honrosas o júri considerou que se destacam duas obras: o projeto de reabilitação dos lagares e adega da Quinta do Crasto e o projeto de construção do turismo da Quinta da Faísca.

Da primeira emerge o que o júri considerou ser uma notável atitude de intervenção de contexto e continuidade que conduziu o projeto e a obra de reabilitação do exemplar edifício existente, transmitiu-nos o autor que não presidiu a postura de identificação de autoria.

Neste sentido, a distinção para a obra do arquiteto Francisco Vieira de Campos advém do mérito da intervenção no interior. A reabilitação da Adega Velha e Armazém da Quinta do Crasto é uma obra de arquitetura notável onde preside o bom senso de diálogo onde o velho e o novo se inserem de forma serena com rigor de execução e funcionalidade, como se de uma joia se tratasse.

É notavelmente claro, o existente e o proposto, sem ferir ou desvirtuar as estruturas espaciais e construtivas do todo, tudo primorosamente executado perseguindo as mais exigentes soluções de higiene e produção do vinho. Com este posicionamento, resultou uma arquitetura honesta, limpa, cuidada onde a hábil disposição funcional e estrutura espacial existente permitiu coabitar a funcionalidade industrial com as novas exigências do turismo.

A sentida necessidade de trazer a bela paisagem para o interior, determinou meticulosamente a localização da passagem interior desnivelada entre os dois armazéns numa relação com um vão existente. O júri unanimemente considerou tratar-se de uma obra de reabilitação notável, que honra o património da Quinta do Crasto fundada em 1615, como se de uma obra fina de relojoaria se tratasse.

Por fim, no que respeita ao projeto do arquiteto Carlos Castanheira O Alojamento Turístico na Quinta da Faísca é uma obra de arquitetura que nasce do posicionamento sábio do autor, da interpretação do apelo do sítio, desde a escolha da localização, á dramática implantação e volumetria e espacialidade notáveis. Obra criativa de espacialidade e materialidade com a “gravidade” que o sítio exige.

A excelência da varanda e volumetria suspensa na paisagem, é o resultado do saber técnico, criatividade que o contexto apela. Como nos confessa o autor “... era preciso dar o salto, que nos projeta no vazio. Não é difícil fazer Arquitetura num local tão bonito. É só dar o salto.” Um salto criativo, mas controlado, nada é gratuito. Os espaços interiores dos 4 alojamento, criteriosamente organizados e interligados, criam configurações versáteis de ocupação e de utilização.

A estrutura de madeira das paredes confunde-se com tetos e caixilharias. Cobertura em zinco, tudo primorosamente executado, profissionalismo notável honrando os materiais naturais como a madeira a pedra historicamente utilizado no Douro Vinhateiro.

O júri unanimemente considerou tratar-se de uma obra de interpretação criativa que honra com excelência o apelo do sítio.

Vila Real, 25 de novembro de 2024

(Eng^a Helena Teles, ESRVR/GTMD)

(Arq.^o Luís Berrance, Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura)

(Arq.^a Paula Sousa Pinheiro, autora do projeto vencedor da edição anterior)

(Arq.^a Nélia de Fátima Miranda, Ordem dos Arquitetos - Secção Regional do Norte (AO))

(Arq.º Adriano Ferreira, ESRVR/GTMD)

(Arq.º Joaquim Almeida, ESRVR/GTMD)

(Dr.ª Catarina Meneses, CCDR-NORTE, I.P.)